

ANNO I

N. 5

15 DE MARÇO 1889

✓(V)

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

RIO de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888, pelo Dr. **Sylvio Romero**. — II Resenha Politica e administrativa, por **Hypolito**. — III A cultura philologica no seculo XVI, por **João Ribeiro**. — IV Bibliographia brazileira.

Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

IV

Era agora a occasião de escrever alguma cousa sobre o theatro no anno que findou, si o theatro entre nós não fosse uma cousa dolorosa, uma recordação afflictiva. Meia duzia de mediocres, de incapazes da ultima esphera mental apoderou-se d'elle e produziu esta cousa informe, misera e sem nome, que é a dramaturgia nacional na quadra que atravessamos, n'este final de reinado do papa dos charlatães — o inqualificavel D. Pedro II...

Por este lado a banca-rota foi e continua a ser completa. Passemos, pois, além e detenhamo-nos ante a critica. Depois da poesia, tem sido o disticto mais animado de nossa litteratura nos ultimos tempos.

Nota-se até o singular phenomeno de

querer exercer a critica todo o que sente um prurido qualquer de escrever para o publico. Si a cousa continuar assim, chegaremos á posição anomala de uma litteratura sem producção beletristica, uma litteratura só de criticos, e uma critica pneumatica, exercendo-se no vacuo. Ha de ser muito interessante...

Antes de falar dos escriptores do officio que mais se distinguiram no anno findo, algumas palavras sobre a arte de criticar no Brazil.

Nos tempos coloniaes não existiu entre nós; seus primeiros rebentos são do tempo da Regencia com Januario Barbosa, Abreu e Lima e o proprio Evaristo da Veiga. Era ainda muito vacillante. Pouco depois apareceram os primeiros e parcos ensaios de Magalhães, Porto-Alegre e Salles Torres Homem.

Mais alentada se mostrou nos primeiros annos do actual reinado pelo orgão de Santiago Nunes Ribeiro e Norberto de Souza Silva.

Já então tinha preocupações naciona-

listas e cogitava de nossas origens. Pouco mais tarde descahiu immensamente nas mãos de Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis. Vestira então a velha tunica da rhetorica, tendo desrido o amplo manto da historia.

Depois seguiram-se algumas tentativas de José de Alencar e Macedo Soares, e mais tarde de Quintino Bocayuva e Machado de Assis, segundo as doutrinas do romantismo francez posterior a 1830.

Estavam as cousas n'este ponto quando apareceu o autor d'estas linhas.

Era em 1869-70.

Comprehendeu a extenuação e morte inevitavel do romantismo e lançou os germens de outra fórmula litteraria para a poesia, para o romance, para a arte em geral.

Avaliou convenientemente a necessidade de rever toda a velha base da esthesia patria e introduziu na critica e na historia brazileira o verdadeiro principio ethnographico, até então falsificado pela mania do *indianismo*. Quiz ser homem de seu tempo, sem deixar de ser homem de seu paiz, e applicou as ideias novas européas sempre a assumptos nacionaes, como é facil verificar pela simples inspecção dos titulos de suas obras.

Presentiu logo a importancia extraordinaria do conhecimento da psychologia popular, como factor das creações litterarias, e comprehendeu collecionar o nosso *Folklore* de que d'antes não tinha nos quasi conhecimento algum.

Não lhe passou despercebida a necessidade de levar a critica, ás vezes rude, a varios escondrijos de nossa ignorancia; d'ahi as suas monographias sobre os nossos philosophos, os nossos parlamentares, os nossos ethnologos, etc.

Finalmente, sentiu bem clara a visão da necessidade ineluctavel de dar a tudo isto um vasto corpo, articulado e vivo, e comprehendeu a historia das luctas intelectuaes brazileiras, a *historia da nossa literatura*, cujos dois primeiros volumes apareceram o anno passado.

O leitor veja bem, e comprehenda melhor: o auctor não pretende vangloriar-se, porque não tem motivos para tanto; o que elle leva em mira é rebater a perversidade de alguns zangões que já andam por ahia a inverter uma historia de hontein, a occul-

tar o seu nome, e a pôr em seu logar outras figuras. E' tempo de reclamar.

Alguns, para tramar intriga, attiram-lhe em cima o nome, o grande nome de Tobias Barretto.

E' uma estolidez, filha de crassa ignorancia, ou de requintada má fé.

Tobias nunca se occupou de critica litteraria propriamente dita, e menos applicada a escriptores e a producções do Brazil. Sua vida está estudada e conhecida, não permite logar a duvidas.

Deixando de parte sua existencia em Sergipe até novembro de 1862, porque ella pouco avulta em sua obra litteraria, ve-mo-o no Recife de dezembro daquelle anno até 1868, quando o auctor o encontrou pela primeira vez, inteiramente entregue á poesia, de que foi o chefe do *condoreirismo* a principio e depois de um puro lyrismo de cunho especial.

Ainda no curso de 1868, escreveu elle os seus primeiros artigos de *reacção philosophica*, mais ou menos no sentido do positivismo francez, tarefa em que prosseguiu nos dois annos subsequentes. De 1871 em diante começou o seu *allemanismo*, isto é, o gosto e o cultivo das letras allemans; mas allemanismo não é, como talvez supponham alguns tolos, um sistema de critica, ou de philosophy, ou de politica, é apenas a predileccão pela vida espiritual de um povo, como o hellenismo, e importa, sempre e em todo caso, determinar dos dominios da vasta litteratura alleman quaeas aquelles que o sabio sergipano cultivou mais a miudo e de que deu-nos provas e noticias em seus escriptos. Foram a critica religiosa, a philosophy, a historia e o direito, d'este ultimo especialmente o direito publico e o direito penal.

A litteratura propriamente dita e a historia litteraria, comquanto as manuseasse por prazer e como entretenimento, não fez d'ellas jamais objecto especial de seus escriptos.

Só ultimamente em 1887 abriu uma exceção com a publicação dos *Traços de Literatura Comparada*, precedidos de pouco tempo pelo *Ensaio de pré-historia da litteratur classica alleman*. Estes dois escriptos são recentes e reportam-se a assuntos estrangeiros.

Com sua entrada como professor para a Academia do Recife, o direito, que já d'antes o preocupava, começou a predo-

minar sobre o resto. Foi então o abridor de caminho para o *monismo* applicado ás concepções juridicas. Eis ahí: em 1862—condoreirismo poetic, em 1868—reacção philosophica, em 1871—allemanismo, em 1880, ou poucos antes, monismo juristico, em 1887—litteraturas estrangeiras comparadas. Para um homem é mais que suficiente. Mas que tem isto que vêr com a critica litteraria, e especialmente como o auctor a comprehendeu e a propagou entre nós desde 1869-70?

Apenas a adopçāo de algumas intuições de carácter mais ou menos geral de que o auctor jámais fez segredo.

Em essencia a obra litteraria e scientifica de Tobias Barreto possúe estructura, designios e tendencias diversas da do ercriptor d'este artigo.

Outros lembram infundadamente o nome do malogrado Celso de Magalhães.

E' desparate bravio, proprio de cabeças desvairadas. Celso cultivo u especialmente, na sua phase academica, em que foi condiscípulo do auctor, a poesia, o romance, o conto, o folhetim. Em critica deixou apenas os fragmentados artigos sobre poesia popular, [escriptos em 1873, época em que nós já éramos velho nos combates da imprensa. A Celso já foi feita justiça nos *Estudos sobre a nossa poesia popular*, aparecidos na *Revista Brasileira*. Mas é só aquillo; nós não aprendemos delle nada n'esta vida.

Menos ainda do obscuro, ainda que habil Rocha Lima, que nunca teve nome no Recife, nem publicou alli jámais duas linhas em qualquer assumpto.

Esteve rapidamente, ao que dizem os seus biographos, na capital pernambucana pelos annos de 1871 ou 72; imbuiu-se das intuições então alli correntes e, de volta ao Ceará, publicou alguns ligeiros artigos, que nunca foram por nós lidos senão ultimamente aqui no Rio de Janeiro, onde d'elles fizeram parca edição.

Ha tambem quem se tenha lembrado do Dr. Araripe Junior, como o iniciador e propagador do moderno criticar no Brazil.

E' formidavel erro historico.

O Dr. Araripe Junior no decennio de 1860 a 70 em que viveu no Recife, não fez, ao que nos conste, uma só publicação sobre critica; no decennio de 70 a 80, em que residiu em varias paragens do imperio, cultivou o conto e o romance; no ultimo

decennio de 80 para cá é que tem cultivado seguidamente a arte de Taine, com distinção, é certo, mas sem iniciativa; porque este não é o seu temperamento.

Após este preliminar, posso confabular com os criticos do anno passado, *sine ira et studio, quorum cauas procul habeo.*

Os mais illustrados cultores da difícil arte de criticar em 1888 foram Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Araripe Junior e Tito Livio de Castro.

Nenhum d'elles publicou então livros; escreveram todos abundantemente nos jornaes. Tobias Barreto, com suas *Questões Vigentes de Philosophia e de Direito* e seu *Commentario Critico ao Código Criminal*, irá figurar na secção consagrada aos juristas e philosophos.

Eu bem quizera dar uma noticia miuda e completa dos trabalhos e das ideias d'aqueles quatro autores. A natureza d'este escripto veda-m'o.

Limitar-me-hei a indicar a nota predominante e tonica entre elles.

Arthur e Clovis são dois moços do norte, dois discípulos da escola moderna do Recife; commungam á mesa do monismo haekeliano em materia de sciencia e de philosophia.

Tito Livio de Castro e Araripe Junior obedecem ás mesmas intuições, *mutatis mutandis, servatis servandis*. São quatro espíritos de saber e de prestimoso futuro.

O maior defeito que, a meu vêr, como subtil microbio, se immisce e lastra pelas junturas do criticar actual no Brazil, macula consistente na exageração de um ponto de partida exacto, consiste na applicação de processos e principios de sciencias inferiores a sciencias de grão mais elevado.

E', vê o leitor, o mesmo vicio já notado quando tractamos do romance como estudo social. D'ahi o tomarem-se, não raro, metaphoras por outras tantas realidades.

Quero ser bem claro, para ser bem comprehendido.

A ideia central da intuição moderna em sciencia, o pião, digamos assim, em torno do qual gira todo o pensamento contemporâneo, é a da falsidade da antiga dicotomia absoluta entre o mundo physico e o mundo do pensamento.

D'ahi a ideia de um só principio regulador para toda a sciencia humana, d'ahi a ideia do *monismo* no mais lato sentido.

Mas unidade de *fins*, não quer dizer identidade de *construcção*.

A complexidade crescente dos phenomenos sujeitos á analyse humana, quando esta passa do movimento para o pensamento, do inconsciente para o consciente, do mecanico para o racional, ainda não deixou, e não deixrá já mais, de ser a mais ineluctavel das realidades. E o exemplo dos grandes mestres vem em nosso apoio; nunca elles praticaram os desparates que ahi diariamente multiplicam os epygonos. O atropelo d'estes ultimos origina-se de um duplo erro: confundem o auxilio que as sciencias inferiores podem e devem prestar ás superiores com a troca e o emprego absurdo dos methodos d'ellas indiferentemente entre si; confundem a philosophia geral, oriunda dos grandes sistemas contemporaneos, com a sciencia especial em cujo seio este ou aquelle systema mais particularmente constituiu-se.

Quanto ao primeiro caso: o mundo dos phenomenos é um grande todo, um vastissimo *Cosmos*, onde tudo se prende, ainda que profundas distincções e diferenças se possam assignalar no seu infinito desdobramento. Importa proclamar que as sciencias, sem deixarem de ser diversas e irreductiveis entre si, dão-se mutuo apoio; mas este apoio não deve ir até uma troca de papeis. Quando, por exemplo, o critico ou o historiador, para bem comprehendér o valor de uma litteratura, ou esclarecer o sentido da marcha social de um povo, recorre á metereologia, que fornece notas sobre a constituição climaterica da região em que viveu aquelle povo; recorre á geologia, que dá noticias sobre a organisação estructural d'essa região; recorre á geographia, que lhe explica os recursos e particularidades d'esse meio; recorre á ethnographia, que lhe descreve e classifica a raça d'esse povo; recorre á anthropologia e á psychologia, que lhe fornecem os segredos de varios problemas attinentes ao assumpto, o critico ou o historiador não confunde a sua arte, a sua sciencia com aquellas a que pede auxilios, nem lhes baralha os methodos e intuitos. Creio ser isto claro e ficar eu dispensado de juntar mais nada.

O contrario é condennar-se ao charlatanismo e falsificar a critica ou a historia.

Quanto ao segundo caso: a confusão entre a philosophia geral que bróta de um systema e a sciencia especial em cujo do-

minio o systema se architectou é um erro flagrante. E é muito commettido, particularmente com relação ao darwinismo.

Sabe-se que o systema decorado com este nome originou-se no circulo da biologia. Antes de ser uma doutrina geral, foi uma reforma biologica.

Espiritos logicos e de vasta visualidade mental é que da biologia tiraram as notações generalisaveis da doutrina, levaram-nas ás outras sciencias, e fundaram com elles uma philosophia.

Quando, pois, se diz, como diariamente se repete, que o darwinismo se pôde applicar, como de facto tem-se applicado, á linguistica, á historia, á sciencia social, ao direito, á critica, é mister comprehender que o que se applica a tudo isto, é a philosophia darwiniana, e não os methodos e processos especiaes da biologia.

E estas verdades elementares andam por ahi desconhecidas, entre outros, dos noviços da critica, visionarios que dão-se em spectaculo, accumulando tolices para divertimento publico.

Felizmente as suas innovações não passam do exterior, não vão aléin do vocabulario, do abuso de metaphoras de caracter hybrido. Uma vez n'este decisive, cada um vae buscar os ornatos favoritos de sua linguagem onde bem lhe convem, ou onde a cousa é mais facil. Uns tiram os tropos da astronomia, outros da physica, estes da chymica, aquelles da biologia!... E' o diabo!

Cada um tem o direito de ser desfrutável como bem lhe approuver; os nossos criticos tem o seu systema já assentado.

Deixal-os em sua ingenuidade.

E' inutil ponderar que me não refiro com todo o peso d'este rigor aos que citei e de quem sou amigo. Dirijo-me aos bufoes que os exageram e escrevem por ahi uns *pastiches* illegiveis.

E já agora não me despeço dos meus quatro illustres confrades, sem discutir a doutrina artistica de um dos mais notaveis d'entre elles, o Dr. Araripe Junior. Este intelligent e prestimoso escriptor com quem mantenho relações estreitas de amizade e de quem me preso de ser um dos mais ardentes apreciadores, vae cahindo n'uma especie de gnosticismo esthetic de difficult destrinçar.

Perdõe-me elle, mas eu devo ser sincero: si quer entrar plenamente nos dominios da esthetic, da philosophia d'arte, tome

o caminho que entender; mas a permanecer na esphera da critica, lembre-se que os dois campos são diversos, e as excursões do esthetic prejudicam as analyses do critico. Este deve ter uma philosophia que se ha-de ler entre as linhas, sendo um defeito andar a expô-la a cada passo.

Ainda mais avultado se me antolha o inconveniente, quando a doutrina artistica é uma innovação da ultima hora, e vem pôr-se em desaccordo com tudo quanto antes o escriptor tinha produzido.

O que desagrada aqui não é a novidade, verdadeira ou não, é a confusão. O Dr. Araripe, comquanto só agora tenha quarenta annos, já passou nos ultimos vinte por tres enormes revoluções. Todos sabemos que, admirador de Gonçalves Dias e Alencar, elle começará pelo indianismo no romance, e na critica, como se pôde ver de sua *Carta sobre a litteratura brasileira*, publicada, si me não illude a memoria, em 1870 ou 71. De 1873 em diante começou a entrar mais de largo na corrente do seculo; deixou as velhas doutrinas e apresentou-se perfeitamente progressivo e apto a boas emprezas espirituais. Isto distendeu-se por todo um decennio e chegou até 1883. D'esta phase é bello documento o *Estudo sobre José de Alencar*, o melhor producto de sua pena até hoje.

Quiz a fatalidade, porém, que em 1884 o nosso critico se apparelhasse para um concurso de lingua portugueza, que, aliás, não levou a effeito.

Os livros de glottica lhe cahiram nas mãos e lhe fizeram no espirito uma revolução sem razão de ser, inteiramente infundada. De então em diante elle começou a verelipses e crases por toda a parte, e entrou a sonhar com a syntaxe *super-organica*...

E' a applicação d'estas phantasias grammaticaes á arte que me proponho refutar, e espero fazel-o cm poucas palavras.

« A obra esthetic não vem a ser outra cousa senão a applicação mais complexa das regras da syntaxe, uma syntaxe super-organica, aonde, em lugar de proposições, existem representações de estados contemplativos ou figurativos. Uma questão que só se obtém, na obra de arte, como no periodo grammatical, pela reacção e integração das respectivas clausulas. »

E accrescenta em discreta nota: « O principio de que a arte não é senão o des-

envolvimento super-organico da syntaxe, e que ella se baseia na economia do esforço e se reduz a machinas de sensações para a reprodução da perspectiva interna, tem sido o ponto de partida de todos os meus trabalhos de critica a dactar de 1884. »

Vêm estas palavras impressas n'aquella revista em que é enorme figurão o decentado poeta da *Camoneana*, onde traduz pelo burro, *A Marmita* de Plauto, elle, o burão *letrado*, que não sabe latim e publica traduccões *latinas*, que não sabe italiano, tanto que traduz *cercò* por *cercou* e examina em concursos *d'essa lingua*....

Vê o leitor que me refiro á *Treze de Maio* (Pag. 108).

Confesso que prefiro as antigas doutrinas de meu amigo Araripe á sua actual theoria.

Examinemol-a de perto: « A arte é uma applicação mais complexa da syntaxe, é uma syntaxe super-organica. » Por outros termos do proprio autor: « A arte é o desenvolvimento super-organico da syntaxe. »

Primeiramente, esta equipolencia entre a syntaxe, isto é, entre as leis da linguagem e as leis mesmas do pensamento, incluido ahí o pensamento esthetic, nada tem de novo. E' uma velharia já gasta por todos os logicos e todos os linguistas. Depois, a phrase syntaxe super-organica, querendo significar uma evolução especial da syntaxe, é erronea, porque é esse um attributo da syntaxe em todo e qualquer sentido, porque ella é sempre uma produção social, superior ao desenvolvimento organico particular do individuo.

Não é só isto: a doutrina, ainda quando fosse verdadeira, só se poderia referir ás artes da palavra, á poesia, á eloquencia, á prosa. Todas as mais ficariam fóra do seu circulo, por nada terem que vêr com a syntaxe ou cousa que com ella se pareça.

E a theoria não serve, desde que não se applica, não se estende á toda a esphera artistica.

Não é tudo ainda: « A arte baseia-se na economia do esforço, »

Tambem aqui anda a grammatica; ouço n'este phraseado o echo da chamada *lei do menor esforço* dos linguistas, que não passa de uma ramificação sonora da *preguiça humana*.

Mas Araripe não tem razão; não é a lei da preguiça ou do menor esforço que serve de base á arte. Bem ao contrario. Segundo os darwinistas, com quem estou

de acordo n'este pensar, o ponto de partida, a origem, o fundamento da arte veio de tendencia inteiramente opposta á que assignala o nosso auctor. Foi o impulso de gastar a força accumulada, de dar-lhe um emprego, de pô-la em actividade nas horas de aborrecido ocio que trouxe a manifestação das tendencias artisticas do homem.

Foi o horror á preguiça, ao tedio, á vida sem esforço e sem applicação, que produziu o brinco, o folgar, as diversões, que são a origem da arte.

Julgo desacertado o emprego do grande talento do auctor a colorir e divulgar tão erronea theoria da arte.

Digo-o com a franqueza que elle merece, e que me relevará certamente.

SYLVIO ROMÉRO.

Rezenha Politica e Administrativa

Não me surprehenderam as reeleições dos Srs. Rosa e Silva e Barão de Guahy, pois por mais que dissessem os arautos das grandes novas, não pude acreditar por um momento na possibilidade da derrota de qualquer dos doux ministros.—O poder é o poder—disse-o em boa hora o Sr. conselheiro Silveira Martins; e tão cedo este proloquo não será desmentido.

Outro proloquo mais antigo ha dias repetido pela *Gazeta de Notícias*, acha-se nos mesmos casos; os factos ahi estão confirmando-o: cada povo tem o governo que merece;—força é reconhecer que isto é uma grande verdade.

Eu não sou daquelles que desesperam da nossa regeneração politico social, mas acredo que ella virá com o tempo, lenta, evolutivamente, por si mesma, como todas as revoluções phenomenaes da natureza. Que nós, brazileiros concorramos para ella, é muito duvidoso. O fructo ha de cahir de maduro, a semente se derramará pela terra e a seu tempo brotará sem amanho. Bem pôde ser que mais tarde seja cultivada a nova arvore, mas não o será pela actual geração.

Antes de tudo, falta-nos patriotismo, pois isso que por ahi vê-se com esse nome não passa de patriotada.

Isto não quer dizer que neste momento eu veja tudo por um prisma dourado, e que sopponha que navegamos por um mar de rosas; muito pelo contrario, tudo se me afigura por mau aspecto; mas é que no meio de tantos descalabros não vejo nenhuma das bandeiras fluctuantes em mãos que possa inspirar inteira confiança. O proprio partido incipiente não é ainda um grupo unido e firme. Dir-se-hia que tudo vacila, que ninguem sabe por onde caminhar.

O grupo conservador que se acha no poder está gasto, impopular e condemnado á valla commum; o que está debaixo parece não ter chefe, pois tanto vale o que não entra em accão em tempo. Dos doux grupos liberaes, não se sabe qual o mais forte, pois aspirando ambos subir o mais depressa possível, procuram por todos os meios fazer crer que não ha divergência na familia.

Tanto peior melhor—dizem os que desejam ver quanto antes tudo isto liquidado; mas cumpre advertir, que não basta destruir, é necessario depois construir; e onde estão os constructores?

E' neste ponto que eu estou de pleno accordo com o Sr. Ferreira Vianna, precisamos de um architecto e bom para levantar o novo edificio « magestoso e illustre », como quer o nobre ministro das bellas artes. E tambem acho que precisamos bem de um engenheiro sanitario, pois na verdade tudo isto está infecto e poluto.

O espirituoso ministro do imperio foi sempre homem amigo de ficções, e isto de elle encommendar agora um architecto não é mais do que uma bella ficção; não se trata de levantar palacios de pedra e cal, mas de reconstruir o nosso edificio moral. Tudo está em ruinas, força é demolir, conseguintemente é tempo de procurar-se um bom reconstructor, e desde que não ha no paiz, venha de fóra, da Allemanha, da Inglaterra, da França, ou mesmo da China.

Porque não encommendou o Sr. Ferreira Vianna um architecto á commissão chinesa, que por aqui andou ha dias?—Bem pôde ser que de lá viesse o que precisamos.

Em quanto não apparece o architecto para a reconstrucción moral deste edificio que se chama — nação brazileira, — o Sr. Ferreira Vianna, como zeloso ministro do imperio que é, vae continuando na obra da demolição; e vae bem; e, nisto, honra seja

aos companheiros, todo o gabinete 10 de Março trabalha com ardor.

O Sr. Rosa e Silva não se resignou ao anonymato a que o queria condemnar o seu collega do imperio e o seu subordinado chefe de Policia, quando entraram a conferenciar sobre assumptos da pasta da justiça; o jovem ministro pernambucano, deu sinal de vida; depois de ouvir na policia o Sr. Conde d'Eu em conferencia com o chefe, prohibiu expressamente os *meetings* e ameaçou com prisão incomunicavel aos desobedientes.

E o certo é que tanto foi o jovem ministro mostrar que não era nenhum dous de paus, como tudo ficar callado.—Ninguem mais tugio nem mugio.

E que tuginsem, veriam para que serve um administrador das capatasias da Alfandega, quando é um valentão como o Sr. Possolo, que á frente de 50 trabalhadores pagos pelo thesouro, sahiu logo para a rua em defesa da monarchia e prompto a dar cabo do primeiro republicano que não tirasse o chapéu á passagem do carro imperial.

Mas, seja dito em abono da verdade historica, a tranquilidade monarchica não deve tudo ao Sr. Possolo das capatasias da Alfandega, a guarda negra tambem teve o seu quinhão nesse não pequeno triunpho, pois é sabido que no dia 15 andou ella pelas ruas da cidade a provocar os detratores da Redemptora.

Assim o Sr. Antonio Bento, em S. Paulo, fosse tão feliz como o Sr. José do Patrocínio cá pela corte, que o Sr. Conde d'Eu não andaria por lá com cara de gato corrido a bodoque. Mas, infelizmente para S. A. debalde o Sr. Antonio Bento chamou as armas a guarda negra paulista, apenas uns cinco ou seis vagabundos sentaram praça como voluntarios do collega do Sr. Patrocínio; seria o caso para que este lhe enviasse reforço, se as cousas por cá estivessem melhores, mas é que actualmente o Sr. Pardal Mallet anda a dizer pela imprensa umas tantas cousas que não põe Sr. Patrocínio em muito cheiro de santidad abolicionista.

Lá que as cousas por Sr. Paulo não andam tambem muito boas, para os creditos do ministro, facil é conhecer-se pela precipitação com que o Sr. Barão de Guahy deixou a cidade de Santos, e o Sr. Conde d'Eu seguiu para a de S. Paulo.

O Sr. Dr. Pedro Vicente, celebre desde a posição esquerda em que deixou o seu chefe de Policia, por occasião do conflicto militar que ahi se deu; quando a epidemia irrompia cruel e intensa na cidade de Santos e já flagelava Campinas, lembrou-se de dar um grande baile ao sr. Antonio Prado; logo porém, que o Sr. Conde d'Eu, partiu para os lugares açoitados pela peste, corre o administrador da província ao encontro de S. A., e sabem para o que?— dizem os telegrammas: para aconselhar a S. A. que não se demorasse muito tempo em Santos.

Disseram tambem os telegrammas que S. Ex. foi despedido na estação da estrada de ferro, em Santos, com uma vaia; pena foi que com outra não o esperassem em S. Paulo.

Mas feliz do que este seu collega foi o Presidente do Rio de Janeiro, que compreendendo a um grande incendio em Nictheroy, assim que viu o povo ir rodeando-o com a pouca lisongeira intenção de dar-lhe um trote, deu elle primeiro ás de Villa Diogo, não sem ouvir vozes repetidas de agua! agua! —que o acompanhavam em ar de chacota,

Mas não era só agua que ali se tornava necessaria; o material do corpo de bombeiros apresentou-se em um estado lastimável imprestável quasi; e no entanto não havia muito tempo que os jornaes noticiaram que o Sr. Dr. José Bento, visitara aquelle corpo e achara tudo em muito boa ordem.

Tambem se diz que por occasião de manifestar-se aquelle incendio, o comandante do corpo policial, a cujo encargo está o serviço dos bombeiros, já havia tomado a barca para vir dar o seu passeio á rua do Ouvidor.

E' original o serviço publico da capital da província do Rio de Janeiro, a maioria dos empregados residem na corte; até os chefes das repartições mais activas, como a da Policia, por exemplo, e outras.

Um medico, que ali exerce o encargo de parteiro no hospital de S. João Baptista, foi ultimamente nomeado pelo Sr. Ferreira Vianna, delegado extraordinario da Inspectoria de Hygiene, não sei se da parochia da Gloria ou da Lagoa, mas é certo é que do 1º distrito do qual o ministro é deputado e o medico certamente eleitor.

A proposito deste serviço de hygiene,

li um artigo do Sr. Dr. Mario de Souza Ferreira resignando nobremente o encargo de delegado, em virtude de uma medida tomada pelo Inspector de Hygiene, que S. S. julga incompativel com a sua dignidade scientifica.

O jovem doutor deo assim provas de que é antes de tudo um homem de brio ; e por isso mesmo acredito piamente que S. S. cumpria bem os seus deveres. Mas, tambem creia S.S. que a medida era necessaria ; nem todos imitavam-lhe o exemplo ; delegados havia que nunca eram encontrados nos seus postos; assim, pois, se applaudo o Sr. Dr. Mario de Souza Ferreira pelo seu procedimento, não menos applaudo o Sr. Dr. Faria Rocha, pela medida que, repito, era bem necessaria.

Annunciam os observadores astronomicos do morro de Santo Antonio, proxima mudança de tempo, chuva, enfim. Que venha ella, ao menos para mais uma vez darmos razão ao Sr. Visconde do Bom Conselho, e jamais deixarmos de appellar para a Divina Providencia.

Graças a ella teremos talvez em breve aquelles melhoramentos sanitarios, com que nos andavam a acenar os ministros do Imperio e da Agricultura, e que afinal tudo tem ficado em promessas e experiencias. Assim teremos a limpeza dos esgotos, a lavagem das ruas, o abaixamento da temperatura, e conseguintemente o declinio e a extincção da epidemia ; ficando para outra vez aquelles famosos hospitaes-modelo do Sr. Ferreira Vianna, a começar pelo do Retiro Saudoso, que só ao Thesouro deixaram saudades dos 40:000\$000 dados pelo que a rigor não valia 20.

Isto de vender grandes propriedades ao Estado é tambem uma industria participante da advogacia administrativa. E quando a coisa é encaminhada com geito o feliz proprietario alem de se ver livre do trambolho ainda passa por benemerito; pelo menos ha poucos dias assim foi apontado um illustre Barão, que por ser para o Estado em vez de 250 contos contentou-se com 220 pelo palacete da Babylonia, que o Sr. Thomaz Coelho achou muito bom para *Collegio militar*, uma invenção que o ha de levar á posteridade.

Bom é que se saiba que esse palacete, é uma casa particular, sem accommodações para repartição publica, em um estreito terraplano suspenso á encosta de uma penedia núa, hirta, e negra, rodeada de um

baixio plantado de capim, que só poderá ser edificado depois de custosissimos aterros.

E' tão boa propriedade essa que tendo falecido quem a mandou construir, antes de conclui-la, ha mais de 20 annos, comprada e acabada pelo marquez do Bomfim, até agora não achou quem a quizesse habitar.

Diz-se que a propriedade vale 250 contos, dou a cabeça se houver quem por ella dê 125, a menos que não seja para impingil-a novamente ao Estado.

Hypolito

Refere uma folha mineira :

«Sobre um arrozal pertencente ao Sr. Porfirio Benvindo de Brito, proprietario da fazenda da Cachoeira, em Santa Rita da Gloria, municipio de S. Paulo do Muriahé, desceu uma nuvem de passarinhos, tão espessa, que encobriu o sol por espaço de um minuto em sua passagem, dando cabo do arrozal, que era avaliado em cem alqueires, em dez horas.

Teve aquelle agricultor occasião de, matando alguns passarinhos, examinar os intestinos dos mesmos ; verificou então que não tinham papo nem moela, como as demais aves, e sim intestinos mui rudimentares, facilitando em extremo a excreção logo após a deglutição ; tão ligeira ou tão rapida digestão têm elles que o observador não conseguiu encontrar no ventre de taes passaros um só caroço de arroz : são verdadeiros moinhos, uma verdadeira praga, pelo grande numero e voracidade.»

Gabinete Portuguez de Leitura

O movimento do Gabinete Portuguez de Leitura, no decurso do mez de Fevereiro ultimo, foi de 1240 volumes, sendo 596 sahidos, e 644 entrados, á saber ; portuguez 1070, francez 162 e hespanhol 8.

A bibliotheca foi frequentada por 338 leitores, e 18 visitantes.

Total de leitores neste decurso do tempo 923, e do edificio tem sido visitado por cerca de 1200 pessoas. .

A cultura philologica no seculo XVI

(De um livro inedito)

I

Não ha epoca na historia litteraria portugueza em que se encontrem mais claros documentos da cultura grammatical do que no seculo de quinhentos.

O phenomeno observado nas outras litteraturas romanhas no provencal do seculo XIII e no italiauo do seculo XIV na epoca de Bembo, repete-se tambem em Portugal: o estudo da grammatica aproveita e encaminha a reforma operada pelo renascimento. Essa singular direccao dos espiritos explica-se pela compossibilidade de dous factores em accão a esse tempo: a cultura da grammatica latina ja exercida na edade media em todo o occidente, pois o latim era a lingua escripta, philosophica e scientifica, e o caracter *classico* do renascimento, que era feito no sentido de approximar as litteraturas modernas das litteraturas grega e latina, sobre tudo da ultima.

Em Portugal, havia outros factores secundarios que auxiliavam aquellas duas tendencias geraes: citemos a influencia intensissima da litteratura italiana, cujas formas sao tão vizinhas do vocabulario latino, a importação na poesia da metrica do endecassyllabo, da oitava e do terceto e de outras formas estrophicas, desconhecidas dos trovadores (1), tudo isso junto ao desprezo do *romance*, tido como linguajar barbaro, indigno do estylo polido e culto.

Assim pois a estylistica do Renascimento litterario portuguez define-se com o seu unico processo: *latinisacão*. Para isto, abandonaram as *Cortes do Amor*, o drama e os mysterios medievaes, a influencia sagrada da biblia, e adoptaram as tendencias pagans, as musas, a ode, os longos poemas, a historia comprehendida segundo a intuição rhetorica de Tito Livio.

O estylo dos primeiros quinhentistas devia ser profundamente impopular e inchado. O povo não entendia absolutamente

essa linguagem nova composta de adjectivos que nunca existiram na lingua commun e toda articulada por inversões contrarias á indole do analytismo medieval.

Aqui cabe notar que dos dous modos de accão do latinismo classico, só um se tornou efficaz: o vocabulario. De facto, o povo desde cedo apropriou-se dos neologismos introduzidos pelos quinhentistas e que são hoje vulgares, mas nunca adoptou as inversões syntacticas, a ordem dita *inversa* do periodo.

Na lingua portugueza, exceptuando raros casos tambem observados nas outras linguas romanhas, a *ordem inversa*, o hyperbatou, foi sempre um caracter do estylo litterario que nunca se diluiu no estylo commun ou syntaxe.

O hyperbatod é quasi sempre obscuro nas linguas analyticas e o progresso da linguagem sempre se opera no sentido da economia do esforço logico ou material.

Na phase do quinhentismo convem discernir a accão nitida dos grammaticos que codificavam os factos e propunham reformas, da accão dispersa, diffusa e obscura dos escriptores que tentavam as reformas, a sua conta e risco.

Esta ultima accão é de difficult estudo, e só é possivel notá-la quando se cotejam documentos classicos com outros anteriores dos fins do seculo XIV; apesar d'isto, é visivel a diferença, e qualquer estudioso pôde notar o trabalho de integração em que os quinhentistas collaboraram, imitando os grandes mestres latinos e italianos.

O excesso e abuso de approximação entre o portuguez e o latim tornou-se de tal affectação e pedantismo que o facto não passou despercebido á perspicacia do proprio João de Barros que lhe fez violenta critica.

Na analyse dos trabalhos de erudição grammatical do seculo XVI seguiremos a ordem chronologica, como é de rigor; afim de notar successivamente os progressos da cultura philologica.

Foram tres os grandes grammaticos quinhentistas: Fernão Dolveira, João de Barros e Duarte Nunes de Lião.

FERNÃO DOLIVEIRA, presbytero, era natural da Beira, onde se nota, ao que dizem,

(1) A influencia da litteratura italiana não foi um phenomeno de pequena monta; foi uma quasi obsessão. Ha inumeras poesias de Miranda, Ferreira e Camões plagiadas vergonhosamente do italiano.

(2) Manuscr. impresso no *Contemporaneo Politico e Litterario*, 1820, publ. pelo General Pamplona, depois Conde de Subserra.

a melhor prosodia da lingua; foi professor de rhetoricas em Coimbra.

De sua lavra existem uma *Arte de Guerra do Mar*, Coimbra, por J. Alvares, 1555, in 4º, obra rarissima; alguns fragmentos de historia que se encontram em um codice (n. 10.022) da Biblioteca Nacional de Paris (2) e uma traducción incompleta da *Re Rustica* de Columella (livros I e II) (3); e finalmente, a sua obra capital;

— *Grammatica de lingoagem Portuguesa*, in fine: *Acabou-se de imprimir esta primeira anotação da lingoa Portuguesa por mandado do muy maníscio senhor dom fernando Dalmada em Lixboa é casa de Germão Galharde a xxvij dias do mes de Janeiro de mil e qnhentos e trinta e seis annos da nossa saliaçam, um 4º gothicó.*

A raridade extrema dos exemplares d'essa edição motivou no seculo actual a reimpressão de que falaremos no lugar devido.

JOÃO DE BARROS, um dos maiores engenhos do seu tempo em todo o mundo, tambem escreveu uma grammatica. O grande historiador portuguez ocupava-se com a educação e no genero moral edidacticó ha varias producções suas como o *Dialogo da viciosa vergonha* (1540) a *Cartinha para aprender a ler* (1539), etc.

Occupar-nos-hemos da sua:

— *Grammatica da lingua portuguesa. Olyssipone. A pud Ludonicum Rotorigiu Typographum, MDXL (1540)* in-4º.

Ao mesmo livro veio appenso o *Dialogo em louvor da nossa linguagem*, tirada rhetorica, feita ao gosto do tempo, de valor meramente litterario.

Em terceiro lugar, depois de Fernão Dolveira e João de Barros, vem os agacissimo DUARTE NUNES DE LIÃO, escriptor fecundo, licenciado em Direito Civil, espirito critico e incredulo, compoz varios livros de historia e legislação. Os douos livros que lhe tornam hoje mais conhecido são:

A.) *Orthographia da lingua portuguesa*. Obra util e necessaria, assi para bem escrever a lingua hespanhola como a latina e quaesquer outras que da latina têm origem. *Lisboa por João de Barreira, 1576*, de IV=78 fls., in-4º.

(3) Publ. nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*, tomo IV, parte II.

(1) V. Innocencio—Dicc. bibl. II.210.

B.) *Origem da lingua portugueza. Lisboa, por Pedro Craesbeek, 1606*, in-4 (de VIII 150 pags).

Estas duas obras foram reimpressas em um unico volume em 1784 (*Lisboa typ. Rollandiana*), em edição bastante cuidada e que já é bastante rara. (1)

São estes os tres grammaticos mais notaveis do periodo quincentista. Estudalos-emos nas suas proprias obras.

II

FERNAN DOLIVEIRA

A «*Grammatica da Lingoagem Portuguesa*» de Fernão Dolveira appareceu em 1536, quatro annos antes da de Barros, que é a de 1540 (1), consta de cincoenta capitulos dispostos e desenvolvidos com pouco methodo e nenhum systema, como era natural em uma obra que foi a primeira do seu genero na lingua.

A intuição do grammatico quinhentista era a que corria na sua época. Eis duas das sentenças que abrem o seu primeiro capitulo:

«Das cousas nascem as palavras e não das palavras as cousas».

«Porém não é tão espiritual a lingua que não seja obrigada ás leis do corpo».

A primeira é a proposição varias vezes discutida da procedencia da palavra ou do facto. Na segunda, o erudito presbytero apenas reconhece a accão do apparelho vocal, da imperfeição dos orgãos que o constituem.

Depois de gastar quatro capitulos em um esboço historico bastante esteril, Dolveira define a grammatica: «a arte que ensina a bem ler e falar».

Na prosodia, Fernão Dolveira distingue o som *grande* (agudo) do som pequeno (grave ou fechado) e propõe que na orthographia o som *grande* seja sempre representado pela letra dobrada. (2)

Na divisão entre consoantes e semi-vo-

(1) N'este estudo, seguimos o texto de reprodução publicado no Porto, *Imprensa portuguesa*, 1871, por «diligencias e trabalho do Visconde d'Azevedo e Tito de Noronha».

Da edição primitiva existe um exemplar na Biblioteca publica de Lisboa.

(2) Na graphia, a duplicação apenas era notada por qualquer divergência desenhada nos caracteres gothicos, segundo se vê do facsimile que acompanha a edição do Porto.

gaes, entre estas ultimas F. D. deixa de mencionar o *m* porque esta letra (no fim das vozes) apenas nazalisa a vogal e de facto não tem som distinto, sempre preferivel a orthographia do *til* em taes casos: *tā*, tam.

No estudo da prosodia das letras (Cap. XII *et sequ.*) parece denunciar-se que no seculo XV e XVI, existia um som do *i* mais caracteristico e forte do que o actual, talvez mais proximo do *ü* allemão e do *u* francez, analogo ao *hi* castelhano; ao menos a descripção que desta voz nos dá Fernão Dolveira indica claramente que havia um certo movimento de aspiração na pronuncia daquella letra, havendo inteira occlusão da lingua sobre a parte inferior do tubo vocal:

« Pronuncia-se, o *i*, com os dentes quasi fechados e os beiços assim abertos como no *e*, e a *lingua apertada com as gengibas de baixo*; e o *espirito* lançado *com mais impeto.* »

O facto é de difficil verificação, mas a ligeira nasalidade do *i* quinhentista em certas formas (*marfis*, *marfins*, etc.) bem denota a occlusão da parte anterior do tubo vocal. Nos diphthongos vemos o *i* representado por *y*: *seyo*.

F. Dolveira nota ainda na prosodia portugueza algumas raras aspirações nas interjeições: *vha*, (*uha*) *aha*, *ha-he* (riso) (3).

Os diphthongos que F. D. notou na lingua foram os seguintes:

ae	— tomæ
ãe	— pães
ao	— pao
aõ	— paõ
ay	— mãy.
Ei	— tomei
eó	— ceo
eo	— Deos
eu	— meu
Io	— fugio
Oe	— soe
Oi	— caracois
oé	— poe
oi	— boi (ô)
ou	— dou
Ui	— fuy (4)

(3) Esta notação do riso é de Gil Vicente. F. D. nega a aspiração de taes vozes.

(4) Cap. XIX. da Gramm. pg. 43-44 Extratamos os exemplos do auctor.

F. D. não tinha adquirido ainda os exageros de latinisaçao, tão communs pouco depois e mesmo na sua epoca; queria a orthographia phonetica, eliminava o *k*, o *h* em muitas vozes, o *m* final, mandava escrever: *estorea*, *memorea* e pedia a eliminação de *pt*, *ct* das palavras como *auctor*, *autor*, *rector*, e proscrivia o uso das transcripções gregas em *ps*, *ph*, *th* etc: *ditongo*, *filosofo*.

Quanto á accentuação das palavras convém notar os seguintes factos registrados pelo grammatico :

- a) Indecisão do acento em *alcaçar* é *alcácer*.
- b) Obscuridade em notar os accentos da 2ª pess. 1º pret. imperfeito : *amavéis* ou *amáveis*?

N'este ponto da accentuação, o precursor das grammaticos portuguezes passa a tratar da *palavra* dicção ou vocabulo.

Aqui cumpre lembrar o seu methodo de estudar a linguagem. O seu livro occupa-se das *letras*, *syllabas* e *palavras*. O estudo das palavras fica dividido em duas secções: a *etymologia* e a *analogia*. Para F. Dolveira, etymologia significa *nascimento*; e analogia, *proporção*. (5) F. Dolveira tambem nota a necessidade do estudo syntactico, quando promette falar «um pouco do *concerto*, que tem as partes da oração umas com as outras». E' em ultima analyse, o methodo de Probo e Quintiliano, sem a disciplina artictico dos dous classicos latinos.

JOÃO RIBEIRO.

Bibliotheca da Marinha

Durante os 23 dias uteis do mez de Fevereiro proximo findo foi esta bibliotheca frequentada por 117 leitores, que consultaram 137 obras, sobre: bellas letras 41, matematicas 11, marinha 9, prolegomenos historicos 7, phisica 1, philosophia 1, sciencias naturaes 1, gymnastica 1, revistas e jornaes 65; sendo na lingua portugueza 56, franceza 46 e ingleza 35.

(5) Cap. XXIX.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE MARÇO DE 1889 — BOLETIM XV

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

42—BARÃO DE MACAHUBAS (Dr. Abilio Ceser Borges). Description de l'appareil cosmographique du Baron de Macahubas, de Rio de Janeiro et Instructions sur son emploi. Pour accompagner á la prochaine Exposition Universelle de Paris. Avec trois planches.—Rio de Janeiro, Imprimerie et Lith. de Carlos Gaspar da Silva, succeur de Moreira Maximino & C., 111 rua da Quitanda 1889—4º com 21 pags.

43—Catalogo da Bibliotheca da Sociedade de geographia do Rio de Janeiro. Organisado pelo 1º Secretario Antonio Alves Pereira Coruja Junior. Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 85 rua do Hospicio 1888—8º com 31 pags.

44—GAMA BERQUÓ (João Maria da—Substituto de historia e geographia do Imperial Collegio de Pedro II) Nocões sumarias de historia universal. Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & C., Editores Typ. Montenegro, rua Nova do Ouvidor 16—1 vol. 16º com 623-IV pags. Preço \$000

45—HENRIQUE ANTÃO DE VASCONCELLOS. Processo criminal. Autores Companhia Jonkopings Tandstcks Fabriks Actie Bolag. Reos Monteiro, Hime & C. Razões de defesa no julgamento plenario, juntas aos autos e sustentadas oralmente pelo advogado—Rio de Janeiro, Papelaria Gonçalves Mendes & C., 25 B e 38 rua do Ouvidor 1888—8º com 14 pags.

46—LADISLAU NETTO. Quelques vérités sur un diffamateur « Les vertus qu'on a réellement périssonnées sous les mensonges d'un calomniateur? J. J. Rousseau »—Paris, Imprimerie V. Goupy et Jourdan, 71 rue des Rennes 1889—8º com 23 pags.

47—MOREIRA PINTO (bacharel Alfredo) O Brazil em 1889. Geographia das provincias do Brazil. Terceira edição Muito

augmentada e ornada de gravuras. Premiada pelo Jury da Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro em 1883 e pelo Jury da Exposição dos objectos escolares em 1888, com diploma de 2ª classe. Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & C., Editores, 46 e 48 rua Gonçalves Dias 1889. Typ. Montenegro, rua Nova do Ouvidor 16. —I vol. em 16 com LXVI — 288 pags. preço \$000

48—OSCAR VARADY (deputado a assemblea provincial do Rio de Janeiro). Questões agricolas. Orçamento provincial, Colonisação e imigracão chineza. Discurso pronunciado em 27 de Novembro de 1888.—Rio de Janeiro, Typ. Carioca, Rua Theophilo Ottonio 145. Escriptorio do *Jornal do Agricultor* 1888—32º em 45 pags.

49—OSCAR VARADY (deputado á Assembléa provincial do Rio de Janeiro). Questões agricolas. Immigracão chineza (3ª discussão do orçamento) Discurso pronunciado na assembléa provincial na sessão de 23 de Janeiro de 1888. Rio de Janeiro. Typ. Carioca, 145 rua Theophilo Ottoni Escriptorio do *Jornal do Agricultor* 1888 32º com 73 pags.

50—SELLIN (A.W.)—Geographia geral do Brazil, traduzida e consideravelmente augmentada por João Capistrano d'Abreu, Rio de Janeiro. Livraria classica de Alves & C., editores, 46 e 48, Rua de Gonçalves Dias, 1889, Imprensa Nacional, 16º em IV — 210 pags Preço 2\$500.

51—TESTAMENTO de Custodio José Gomes. Autores: O Commandador Joaquim Leite de Castro, José Leite da Cunha Bastos e Joaquim Gomes de Carvalho, Reos: Antonio Fernandes dos Santos e outros. Rio de Janeiro, Typ. a vapor de Almeida Marques & C., 23 rua Nova do Ouvidor, 1888.—8º em 77 pags.

Collecção didactica

DO LIVREIRO EDITOR

RODOLPHO JOSÉ MACHADO

PORTO ALEGRE

Offerecida ao Centro Bibliographico Vulgarisador

52—ARAUJO E SILVA (Vasco de) Noções de geometria pratica para uso das escolas de instrucción elementar. Mandadas adoptar pelo Conselho Director de Instrucción Publica. Porto Alegre, Typ. do *Jornal do Commercio* 223 e 225 rua dos Andradadas 1869—16º com 91 pags. e um mappa de figuras geometricas.

53 — BIBIANO FRANCISCO D'ALMEIDA. Compendio de grammatica portugueza dedicada aos estudantes Rio Grandenses. Quarta edição correcta e augmentada. Porto Alegre Rodolpho José Machado, Livreiro e editor 1888—16º com 149 pags.

54 — BIBIANO FRANCISCO DE ALMEIDA. Complemento do Compendio de Grammatica portugueza de—ou Exercicios de analyse phraseologica e lexicologica da oração portugueza para uso dos estudantes desta lingua pelo mesmo autor. Primeira edição. Porto Alegre Rodolpho José Machado, Livreiro, editor, 338 rua dos Andradadas, 1888—16º com 92 pags e 4 innumeradas.

55—CELESTINO DE CASTRO (major Luiz) Licções de arithmetic professadas na Escola militar do Rio Grande do Sul—Compendiadas para servirem aos alumnos da mesma escola. Porto Alegre. Rodolpho José Machado, editor, 338 rua dos Andradadas 1888, Typ. *Deutsch Zeitung*. 16º com 446 paginas.

56—CLEMENTE PINTO (Alfredo—Doutor em philosophia, lente cathedralico da cadeira de portuguez da Escola Normal do Rio Grande do Sul, membro do Conselho de Instrucción Publica e professor de latim e rhetorica em diversos collegios da capital). Selecta em prosa e verso dos melhores autores brazileiros e portuguezes. Obra adoptada nas aulas publicas da província e em quasi todos os collegios particulares. Segunda edição correcta, augmentada e acompanhada de notas. Porto Alegre. Vende-se em casa do editor Rodolpho José Machado. 338 rua dos Andradadas. 1885.—16º com XII—263 paginas.

57 — DIAS LOPEZ (arcediago V. Z.) Ca-

theismo da doutrina christã com um Resumo da Historia Sagrada e da Egreja e um appendice de orações. Coordenado para meninos — Offerecido ao Exm. Rev. Sr. D. Sebastião Dias Laranjeira, 3ª edição, Paris. Impr por G. Bossange & Haring, 16 Rue Quatre de September. 1872 — Vende-se unicamente em Porto-Alegre na casa do editor Rodolpho José Machado 338 rua dos Andradadas — 32º com 158 pags.

58 — ESTRELLA DE VILLEROY (Frederico Ernesto — chefe de secção da secretaria do governo) Compendio de grammatica portugueza. Obra adoptada para uso das escolas da província do Rio Grande do Sul pelo respectivo Conselho Director da Instrucción Publica. Terceira edição, Porto-Alegre. Rodolpho José Machado, livreiro, editor, proprietario 1888. Typ. de Cesar Reinhardt. 16º com 104 pags.

59 — FRANCKENBERG (João von — Lente cathedralico de historia e geographia da Escola Normal e membro do Conselho de Instrucción Publica da província do Rio Grande do Sul) Historia do Brazil, escripta para meninos. Obra approvada pelo Conselho de Instrucción da província do Rio Grande do Sul. Mandada adoptar nas aulas publicas da mesma província pelo Exm. Sr. Conselheiro José Julio d'Albuquerque Barros. Segunda edição correcta e augmentada, Porto-Alegre, Rodolpho José Machado, livreiro, editor, proprietario 338 rua dos Andradadas 1886—Typ. *Deutsch Zeitung* de Cesar Reinhardt. 16º com 176 pags.

60 — FREDERICO FITZGERALD. Grammatica theorica e pratica da lingua ingleza. Porto-Alegre, typ. *Deutsch Zeitung* 1880. Livreiro — editor Rodolpho José Machado. 16º com 346 pags.

61 — FREDERICO FITZGERALD (autor da grammatica pratica e theorica da lingua ingleza) Primeiro livro de leitura ingleza para uso das classes elementares. Contendo uma serie graduada de historias, anedotas e biographias de jovens celebres; acompanhada de notas explicativas e seguida de um Diccionario portuguez-inglez de todas as palavras contidas nesta obra. Primeira edição, Porto-Alegre. Vende-se unicamente na Livraria do editor Rodolpho José Machado, fornecedor das aulas publicas da província do Rio Grande do Sul, 338 rua dos Andradadas, typ. *Deutsch Zeitung*. 32º com 285 pags.

62 — HENRIQUE MARTINS (professor da Escola Militar do Rio Grande do Sul) Ele-

mentos de Corographia do Brazil. Pontos escriptos de geographia, segundo o novo programma de exame de preparatorios. Primeira edição, Porto-Alegre. Vende-se unicamente na Livraria de Rodolpho José Machado, 338 rua dos Andradas, 1883. 16º com 133 pags.

63 — SALLES TORRES HOMEM (J.) Manual de philosophia escolar. Com um prefacio de Carlos V. Koseritz. Primeira edição, Porto-Alegre. Vende-se unicamente na Livraria do editor Rodolpho José Machado, 338 rua dos Andradas, 1889. 16º com 168 pags.

64 — SOUZA LOBO (engenheiro José Theodoro de) Primeira arithmetic para meninos. Obra approvada pelo Conselho de Instrucción e por uma Comissão do Escola Militar da provincia do Rio Grande do Sul. Mandada adoptar pelas aulas publicas de 1º grau pelo Exm. Sr. Conselheiro José Julio de Albuquerque Barros. Decima terceira edição mais correcta e aumentada. Porto-Alegre. Vende-se unicamente na Livraria do editor Rodolpho José Machado, 338 rua dos Andradas, 1888. 16º com 112 pags.

65 — SOUZA LOBO (José Theodoro de, engenheiro, lente cathedratico de matematica da Escola Normal da provincia do Rio Grande do Sul) Segunda arithmetic para meninos. Oitava edição correcta e aumentada, Porto-Alegre. Vende-se unicamente na Livraria do editor Rodolpho José Machado, 338 rua dos Andradas, 1888. Typ. de Cesar Reinhardt, 2 rua do General Camara. 16º com 219 pags.

MUSICA

1* — ABDON MILANEZ, D. Sebastiana, lundú.

2* — ABDON MILANEZ, Lili, polka.

3* — ABDON MILANEZ, Nenésinha, valsa.

4* — AMERICO DE FREITAS, Bellegrandi, polka.

5* — BARATA (J. J.), Ventarola, polka.

6* — BENDEGO', valsa das Noces de Olivette.

7* — CARAMELLO, tango da revista *Bendegó*.

8 — CARLOS MILLER (Joaquim) Magnotier. Celebre mazurka de salão Lithographia da Livraria Americana. Rio Grande do Sul.

9* — ERNESTO NAZARETH, Eulina, polka.

10* — GARCIA GODINHO (J.), Grupo dos Cometas, polka.

11* — GUIDO MELPOLEZZO (pseudonymo) Reina a paz em Varsovia (valsa).

12* — HENRIQUE MAGALHÃES.... Ah quem tiver o seu vintem, tango.

13* — HENRIQUE MAGALHÃES, Forte espiça! polka.

14* — LEONTINA GENTIL, Hig-life, polka.

15* — LOPES JUNIOR (J. J.), Toma que te dou, polka.

16* — MARTINS (A. C.), Ai Sinhá Velha! polka.

17* — OLYMPIA DE CASTRO, Clotilde, polka.

18* — PINTO (J. V.) Moqueca sinhá, tango da revista *Bendegó*.

19* — SANTOS (Tristão Pio dos) Dora, valsa brilhante.

20* — STRETTI. *C'est une Gayas*, polka hungara.

21* — SILVA (Cesar Julio da), A Ventarola, habanera.

22* — THOME' MOREIRA, Presentimento de amor, mazurka.

23* — TRAMPOLIN, polka da revista *Bendegó*.

Noticias Bibliographicas

O Centro Bibliographic acaba de receber as seguintes publicações recentes :

Conan Traité d'homo-homœopathie 1 volume in 8º.

Paris La Sculpture Antique, 1 vol in 8º.

Barthélémy L'examen de la vision, 1 volume in 16.

Bonami Dictionnaire de la santé, 1 volume in 8º gr.

Marly. Le lupus du larynx, 1 vol in 8º.

Bourdillon. Pinoriasis et arthropathies, 1 vol in 8º.

Nivet. Rapport sur l'épidémie de fièvre typhoïde de Clermont—Ferrand em 1886. 1 vol in 8º.

La Torre. Développement du fœtus-influence du père, 1 vol in 8º.

Churchill. Letters to a patient on consumption and its cure by the hypophosphites 1 vol in 8º.

Ravoux. Du dépeçage criminel au point de vue anthropologique do medico-judiciaire, 1 vol in 8º.

LIVROS

A' VENDA NO CENTRO DIBLIOGRAPHICO
41 Rua Gonçalves Dias 41

<i>Poesias e poemas.</i> Penumbra, idyllo e o cantico dos canticos por Mucio Teixeira, (impressao e papel de luxo) 1 vol. 3\$000
<i>A Russia Vermelha</i> , por Victor Tissot. 1 volume 1\$000
<i>Crepusculo</i> , poesias de E. Vidal, 1 vol; 1\$000
<i>Lyrica e lendas do Brazil</i> , por M. Portella, 1 vol. \$500
<i>O Universalismo</i> , por Tamegão 1 vol. \$200
<i>Preludios litterarios</i> , por Souza Tavares. 1 vol. \$200
<i>Paris na America</i> , por Laboulays, 1 vol encadernado 2\$000
<i>Astronomia</i> , por Lockeyer. 1 vol. \$200
<i>Geographia phisica</i> , por Giikis 1 vol: \$200
<i>Geologia</i> , por Geikis. 1 vol. \$200
<i>Chimica</i> , por J. Roscos. 1 vol. \$200
<i>Nevoas matutinas</i> , poesias de Gomes Ribeiro, 1 vol.. \$500
<i>Reverberos do poente</i> , poesias de Angelica de Andrade, 1 vol. \$500
<i>Guia do cidadão portuguez no Imperio do Brazil</i> , ou compendio dos direitos e deveres dos estrangeiros no Brazil. por Pedro Affonso de Figueiredo, 1 vol. 1\$000
<i>Parisina (theatro, versos, fothetins, critica litteraria e escriptos politicos)</i> por Carvalho Junior, 1 vol ornado com o retracto do auctor 1\$000
<i>Riachoelo</i> , poema epico em 5 cantos, por Pereira da Silva, 1 vol. 1\$000
<i>O Gaúcho</i> , por José de Alencar, 2 vols encadernados. 2\$500
<i>Sonetos e poemas</i> , por Alberto de Oliveira 1 vol. 1\$000
<i>Poemas e Idyllos</i> , por Rodrigo Octavio 1 volume. \$500
<i>Pampanos</i> , pelo mesmo \$500
<i>Auroras</i> , poesias de Alfredo de Souza, 1 vol. \$500
<i>Cathecismo de agricultura</i> , por Cesar Burlamaqui, refundido pelo Dr. Nicolao Joaquim Moreira 1\$000
<i>Noções de geologia, de physica, de chimica, de botanica e de physiologia vegetal applicada a agricultura</i> , por Marivault \$400
<i>Monographia do algodoeiro</i> , por Cesar Burlamaqui \$400
<i>Noticia sobre os mais recentes melhoramentos adoptados na laboura de canna, e fabrico do assucar</i> , por Ferreira de Carvalho 1\$000

<i>Monographia da canna de assucar</i> , por Cesar Burlamaqui 1\$000
<i>Monographia do cafeseiro e do café</i> , por Cesar Burlamaqui \$400
<i>Memoria sobre a agricultura no Brazil</i> , por José Pereira Tavares 1\$000
<i>Manual do tratamento dos porcos</i> , por Joaquim Antonio de Azevedo \$400
<i>Ensaio sobre a regeneração das raças cavaillares do Brazil</i> , por Cesar Burlamaqui \$600
<i>Le mate et les conserves de viande</i> , par le Dr. Louis Couty 1\$000
<i>Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos diccionarios da lingua portuguesa</i> , por Braz da Costa Rubim 1\$000
<i>Opusculo ácerca da origem da lingua portuguesa</i> , por douz socios do Conservatorio Real de Lisboa \$400
<i>A consciencia dos seculos</i> , poema, por J. Leite de Vasconcellos \$400
<i>Viagem dos Imperadores do Brazil em Portugal</i> 1\$000
<i>O recurso de graça segundo a legislação brazileira</i> , pelo Dr. A. H. Souza Bandeira Filho 1\$000
<i>Dissertação sobre o actual governo da república do Paraguay — por Corrêa do Couto</i> \$500
<i>Considerações relativas ao beneplicito, e recurso á corôa em matérias de culto</i> pelo marquez de S. Vicente \$500
<i>Recordações</i> —fragmentos de um livro inedito, por W. Allen 1\$000
<i>Guia theorica e practica de escripturação commercial</i> —ou a escripturação mercantil ao alcance de todos, por Ildefonso de S. Cunha 2\$000
<i>Manual do escriptorio</i> —ou nova guia practica para se formular todos os papeis relativos ao expediente de casas commerciaes, por S. Cunha 2\$000
<i>O estandarte auri-verde</i> — por Fagundes Varella \$400
<i>Breves esclarecimentos</i> —sobre o Pará, por Pereira Cabral \$400
<i>Misselanea poetica</i> —ou collecção de poesias diversas de autores escolhidos 1\$000
<i>Conferencias religiosas</i> —recitadas em os domingos de quaresma pelo Dr. Motta Veiga. 1\$000
<i>Guia do Rio de Janeiro</i> —por A. L. Pecegueiro. \$400
<i>D. Juanita</i> —opera comica, por Eduardo Garrido. \$500
<i>Heróe à força</i> —opera comica, por Arthur Azevedo. \$500

LIVROS COLLEGIAES
 A VENDA NA
LIVRARIA CLASSICA
 DE
ALVES & COMP.
 46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

- Noções da Historia Universal*, por João Maria da Gama Berquó, professor substituto de Historia e Geographia no Imperial Colégio D. Pedro II, 1 vol. 5\$000
- Geographia Geral do Brasil*, por A. W. Sellin, consideravelmente aumentada por J. Capristano de Abril, 1 vol. 2\$500
- Elementos de Arithmetica*, pelo Dr. João J. Luiz Vianna, 3a edição, 1 vol. 4\$000
- Rudimentos de Historia Universal*, tradução de D. Maria E. Leal, 1 vol. 2\$000
- O Brazil em 1889 - Geographia do Brazil*, pelo Dr. Moreira Pinto, 3a edição consideravelmente melhorada, 1 vol. 3\$000
- Noções de Historia Universal*, pelo Dr. Moreira Pinto, 2a edição muito melhorada, 1 vol.
- Dicionario grammatical*, contendo em resumo todas as matérias que se referem ao histórico e comparativo da língua portuguesa, compilado por João Ribeiro. 1 vol. 4\$000
- Historia antiga do Oriente*, por João Maria da Gama Berquó 1\$500
- Historia da Grecia e de Roma*, por João Maria da Gama Berquó 2\$000
- Diurnal da mocidade christã*, dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 3a edição, 1 vol in-32 2\$000
- Catechismo da doutrina Christã*, adoptado pelo conselho superior da instrução pública para ser ensinado nas escolas do governo imperial, por monsenhor Couturier, 1 vol cart. \$500
- Geographia-Atlas*, contendo oito mapas, seguida de um ligeiro esboço cronológico da história do Brasil e de cosmographia, dedicada à infância, por monsenhor Couturier, 2a edição revista pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol. obl. 1\$000
- Trechos escolhidos*, para os exercícios graduados de Analyse, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol cart. 1\$000
- Arithmetica das escolas primarias*, organizada de acordo com os relativos pre-

ceitos pedagogicos, por F. R. P. de Carvalho, 1 vol. in-32 cart.	\$800
<i>Grammatica allemã</i> , theorica e pratica, por Emilio Otto, adoptada ao programma de ensino no Brasil, por Adolpho Neumann, 1 vol	4\$000
<i>Arithmetica da infancia e metrologia</i> , por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em letras, professor de mathematicas, 3a edição, 1888, 1 vol in-32 cart.	\$100
<i>Grammatica portugueza</i> , curso superior, 3º anno, por João Ribeiro, 2a edição, correcta e augmentada, 1 vol. in-12	3\$000
<i>Grammatica portugueza elementar</i> , curso medio (2º anno), por João Ribeiro, 1 vol.	2\$000
<i>Grammatica portugueza da infancia</i> , curso primario (1º anno), por João Ribeiro	1\$000
<i>Principios de composição</i> , descrições, narrações, cartas, etc., por Guilherme do Prado, 1 vol.	1\$500

VANTAJOSOS ABATIMENTOS AOS COLLEGIOS

Publicações recentes

A' VENDA NA LIVRARIA CLASSICA
 DE ALVES & C.^a

RUA GONÇALVES DIAS, 46 e 48

Novo formulario—therapeutico—infantil contendo a descrição por extenso do tratamento de algumas affecções mais frequentes da infância e numerosas formulas de distintos clinicos nacionaes ; e extrangeiras extractadas de diversos jornaes medicos modernos organizados pelo Dr. Brito e Silva. Rio de Janeiro 1888, 1 vol. br. 2\$000

Coração — livro para crianças — (versão do italiano) por Edmundo de Amicis. 1 vol. brochado. 2\$000.

Dos Estados pathologicos do organismo e suas manifestações oculares pelo Dr. J. Corrêa Bettencourt. Maranhão 1889. 1 vol brochado. 4\$000.

De l'asthme dans l'enfance et de son traitement leçons professées par le Docteur Moncorvo. Paris 1888. 1 vol. br. 3\$000.

Hypnotismo pelo Dr. Francisco Fajardo. Rio de Janeiro 1889. 1 vol. br. 5\$000.

De emprego dos anti-scepticos na scabies puerperal pelo Dr. Rodrigues dos Santos Rio de Janeiro 1888. 1 vol br. 2\$000.

De l'influence de l'impaludisme sur les femmes enceintes (avortement, accouchement prématûre) par le Dr. Rodrigues dos Santos Rio de Janeiro 1888. 1 vol br. 2\$000.